junho/2022

Revista Verlidelas

edição nº 24

entrevista:
Liliane Romanelli

conto & poesia:
Textos líricos e REFLEXIVOS

VERLIDELAS

junho/2022

Sumário

ENTREVISTA ... 04
Liliane Romanelli

CONTO ... 16
O Momento e a Ruptura
Mogg Mester

POESIA ... 23
André Siqueira

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:
•Sergio Carmach

Editora assistente:
•Luzia Barbosa

Fotos (capa e miolo da entrevista):
•Marcella Romanelli

Revisão, diagramação e arte:
•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com
www.verlidelas.com
www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora
CNPJ 27.850.067/0001-71
Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL

Lançar a vigésima quarta edição da revista significa completar dois anos publicando este periódico mensal que tanto amamos e ao qual estamos continuamente nos dedicando. A Revista Verlidelas nasceu com o objetivo de divulgar a editora e seus autores de forma interessante, bela e bem-acabada, ou seja, com a intenção de ser uma vitrine, dando ao leitor uma amostra da qualidade encontrada em nossos livros.

Embora o presente número não pretenda trazer conteúdo comemorativo, ele vem com uma novidade: pela primeira vez, entrevistamos uma ilustradora – ela também é autora de alguns livros infantis, mas o foco do bate-papo é seu trabalho com lápis, pincéis, tintas... O resultado é, como dito na apresentação da entrevista, uma linda viagem visual. Na seção de poesia, outra novidade: versos do recém-lançado "Atravanco na Casa", de André Siqueira, cujas construções intrincadas (confiram!) desafiam e encantam o leitor. Na seção de contos, trazemos uma história *fantástica* – nas duas acepções mais evidentes do termo – de um autor e psicólogo com vasta participação na editora. Você imagina quem seja? Se sim, com certeza já está morrendo de vontade de mergulhar em seu conto.

Mais uma vez, desejamos a todos uma boa leitura!

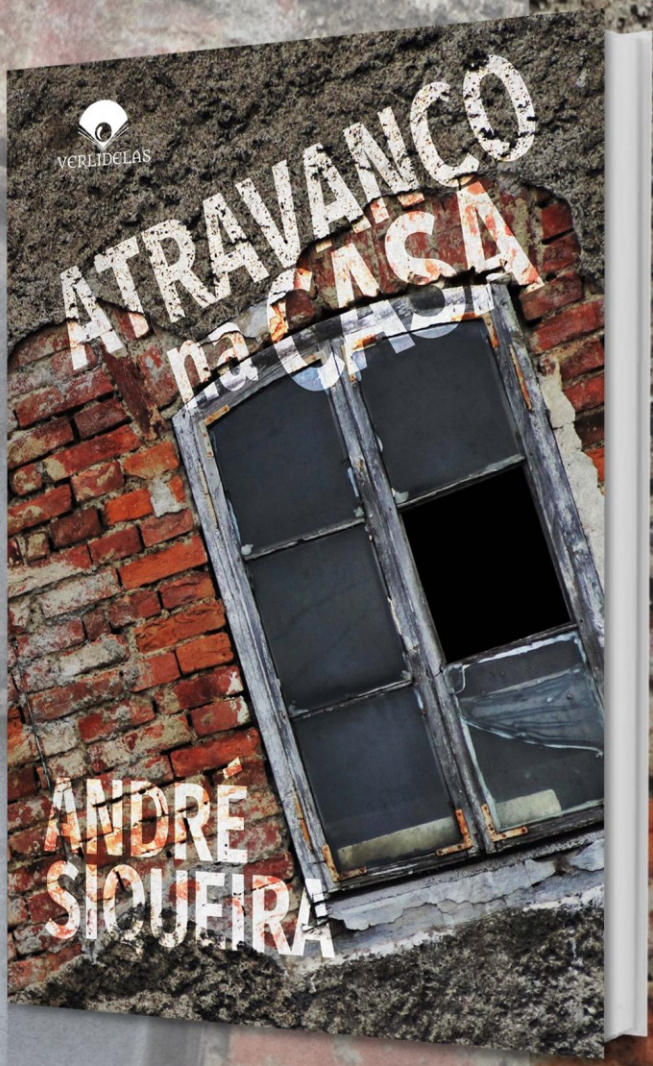
Luzia Barbosa

Apoiam esta edição:

Conheça

Conheça

Conheça



ANDRÉ SIQUEIRA LAPIDA SEUS VERSOS NO LÍRICO ESMERIL. SUA POESIA É LABIRINTO DE INTRINCADOS CORREDORES, COM ESPELHOS DISTORCIDOS E PISOS PONTILHADOS DE ALÇAPÕES E ARMADILHAS. É UMA POESIA QUE NÃO TARDA A ILUDIR O LEITOR APRESSADO, MAS QUE PROMETE AO CORAJOSO, DISPOSTO A DESVENDAR SEUS MISTÉRIOS, TESOUROS DE SUBLIME VENTURA. E QUE NINGUÉM AVANCE DISTRAÍDO POR ESSE LABIRINTO, POIS NELE TAMBÉM HABITAM MONSTROS DEVORADORES.

À venda

Compre já, diretamente com o autor:

andresiqueira540@gmail.com

Em julho, também nos *marketplaces*:

entre outros

entrevista

POR SERGIO CARMACH

Liliane Romanelli

FOTOS: MARCELLA ROMANELLI

Mineira de Sabará, Liliane Romanelli é formada pela Escola de Belas Artes da UFMG. Especializada em Desenho, Fotografia, Cinema, Serigrafia, Gravura em Metal e Ilustração, participou de várias exposições na reitoria da universidade e em galerias de arte. Cursou Botânica no Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, tendo ilustrado inúmeros trabalhos nesta área. Também fez ilustrações para o Departamento de Arqueologia do Museu de História Natural e para o Departamento de Parasitologia da UFMG. Projetou vitrais para residências de Belo Horizonte e para o Colégio Dom Bosco (Cachoeira do Campo – MG). Ilustrou mais de 270 livros, na maior parte infantis, sendo dois deles de sua autoria. Foi indicada ao Jabuti, concorrendo na categoria "melhor ilustração de livro infantil" ("1,2,3 e... Já!", de Luciana Savaget – José Olympio Editora). Com uma obra extensa, Liliane fala de sua carreira em um bate-papo cercado de cores, transformando o leitor em um verdadeiro viajante visual

Conte como você se tornou ilustradora.

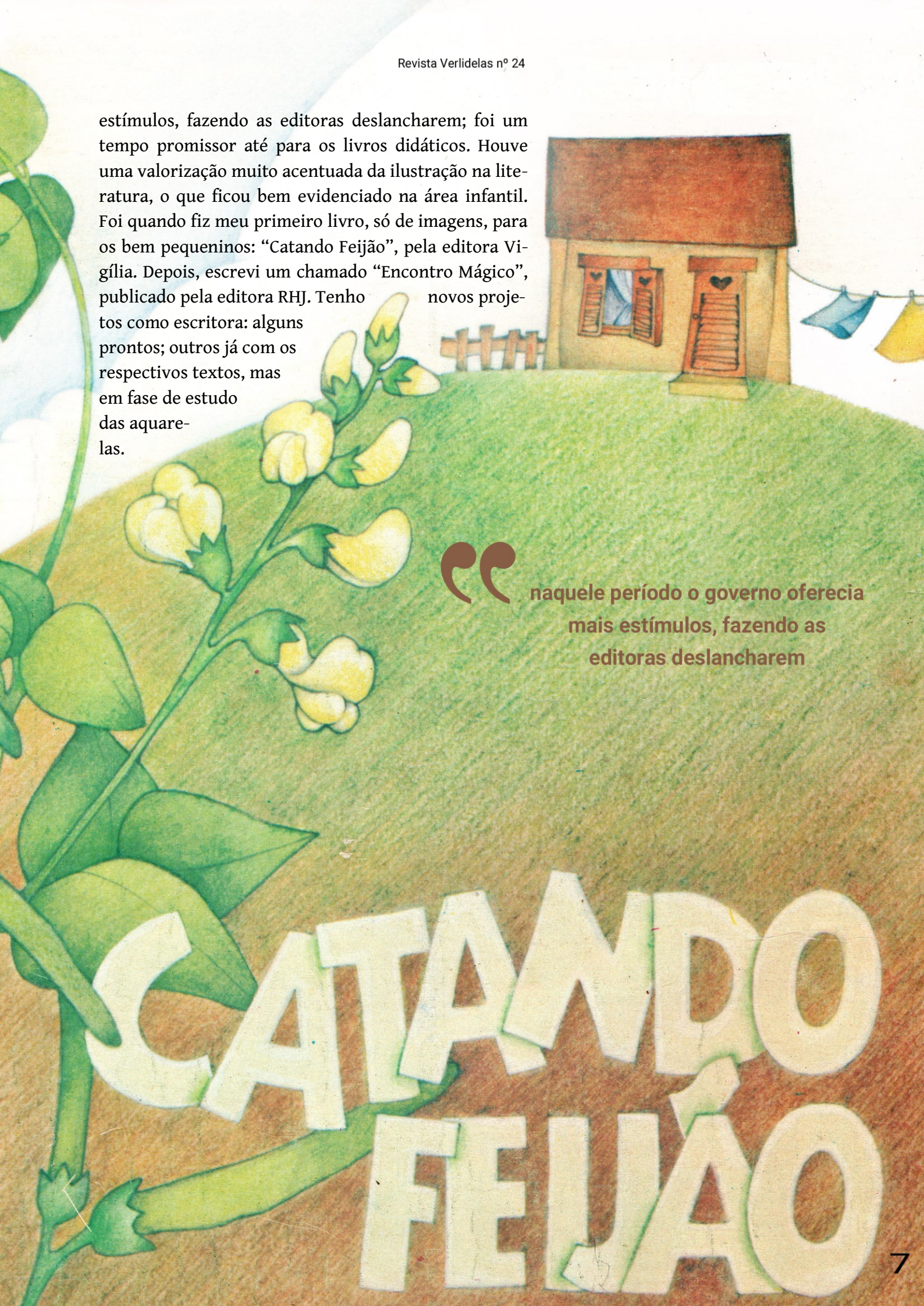
Desde muito pequena, gostava de desenhar, colorir, criar paisagens, fazer figuras e bichinhos. A lembrança mais marcante que tenho é de – no terceiro ano primário, depois de ilustrar a historinha de um sapo que queria fumar – ter ganhado um concurso de ilustração em sala de aula. Foi o meu único prêmio de ilustração na vida, mas também o único a que concorri... De alguma forma, isso me estimulou; e não parei mais de desenhar. Ao chegar a época do vestibular, optei pela Escola de Belas Artes. Eu já havia feito um curso de extensão por lá, o que tinha me dado a certeza do que eu queria.

Dos mais de duzentos e setenta livros ilustrados por você, dois são de sua autoria. Fale um pouco sobre essa experiência como escritora e como coautora (*) de tantos livros.

(*) Em livros infantis, ilustradores são considerados coautores

O início desse trajeto foi um livro infantil que deveria ter sido ilustrado por meu professor, Álvaro Apocalypse. Ele propôs que eu fizesse o trabalho em seu lugar, uma forma de exercitar a confiança. Topei na hora. Em seguida, passei a visitar editoras mostrando meus desenhos; e assim começaram a surgir boas oportunidades. Durante muitos anos, o campo profissional fluiu bem, pois naquele período o governo oferecia mais

estímulos, fazendo as editoras deslancharem; foi um tempo promissor até para os livros didáticos. Houve uma valorização muito acentuada da ilustração na literatura, o que ficou bem evidenciado na área infantil. Foi quando fiz meu primeiro livro, só de imagens, para os bem pequeninos: "Catando Feijão", pela editora Vigília. Depois, escrevi um chamado "Encontro Mágico", publicado pela editora RHJ. Tenho novos projetos como escritora: alguns prontos; outros já com os respectivos textos, mas em fase de estudo das aquarelas.



> naquele período o governo oferecia mais estímulos, fazendo as editoras deslancharem

Conte sobre sua indicação ao Jabuti, quando concorreu na categoria "melhor ilustração de livro infantil" com uma obra da Luciana Savaget.

O livro de Luciana Savaget, "1,2,3 e... Já", foi um dos que ilustrei para a editora José Olympio, que sempre primou pela excelência. O trabalho se mostrou muito gratificante, não só pela qualidade do texto, uma história sensível, mas também pelo reconhecimento do empenho que tive na arte. O ano era 2001 e fui surpreendida pela indicação ao Jabuti. Foi um acontecimento estimulante, que muito me honrou.

Você cursou Botânica no Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, tendo ilustrado inúmeros trabalhos nesta área. Também emprestou seu talento para o Departamento de Arqueologia do Museu de História Natural e para o Departamento de Parasitologia da UFMG. É mais difícil fazer ilustrações científicas ou gravuras meramente artísticas?

É uma pergunta curiosa, que já me fizeram em outras oportunidades. Eu diria que, em certos casos, existe uma dificuldade maior em se fazer ilustrações científicas, pois elas podem demandar uma grande capacidade de expressão. Já penei diversas

vezes para representar, por exemplo, a suavidade e a transparência de uma alga microscópica. Para que uma ilustração como essa seja compreendida e se mostre fidedigna à realidade, é preciso saber passar a ideia de determinado volume, textura... Por outro lado, representar um dinossauro, também em uma ilustração científica, não é tão difícil. De qualquer forma, independentemente de qual tipo de arte seja mais complicada de se executar, uma ilustração científica e uma obra meramente artística podem proporcionar a mesma satisfação estética.

Como você vê o cenário cultural brasileiro da atualidade?

Os contextos político, social e artístico estão interrelacionados; e boas interações entre essas áreas no

O ilustrador faz parte da construção de um mundo.

passado trouxeram períodos brilhantes para o cenário cultural brasileiro, com grande efervescência artística. Atualmente, uma conjuntura que vem se arrastando há algum tempo, agravada por uma crise mundial provocada pela pandemia, causou um empobrecimento geral. Assim – além da deterioração dos valores, da educação... – temos, no país, graves problemas de alimentação, moradia etc. Nesse panorama, a arte deixou de ser item de primeira necessidade. Mas todo esse cenário trouxe algo de bom? Embora tenhamos acabado de viver um momento de muita insegurança e obscuridade – com hábitos sendo interrompidos bruscamente, crianças não indo à escola, isolamento social, carências variadas – novas experiências puderam ser vividas. Algumas mães, por exemplo, estimularam leituras durante a fase de quarentena para a turminha de casa. Isso pode ter funcionado como fermento para um novo período editorial.

Qual é a importância do trabalho de um ilustrador?
O ilustrador faz parte da construção de um mundo. No caso do livro infantil, de um mundo mágico que se descortina para o sensível, cheio de alegrias e tristezas, e que ao mesmo tempo interage com o ambiente em que a criança vive, despertando nela o espírito crítico e incutindo valores. O ilustrador, nesse trabalho de construção de mundos, também ajuda a desenvolver o lado criativo da criança.

É do conhecimento geral que a tecnologia vem influindo de modo irreversível em todas as atividades. Nesse aspecto, o que você teria a comentar em relação ao trabalho dos ilustradores?
Vejo com muito bons olhos a chamada "invasão tecnológica" no trabalho dos ilustradores. Ela amplia os meios de que dispomos, permitindo-nos comunicar melhor nossas ideias, nossas imagens. Fica mais fácil planejar os espaços e as cores; deixá-las, por exemplo, mais intensas onde há necessidade de expressar um sentimento forte. A tecnologia também aumenta exponencialmente as possibilidades de divulgação, de ampliação das fronteiras do nosso mercado.

Gostaria de mencionar algumas de suas influências?
Tive em meu curso de Belas Artes os melhores professores que poderia querer. E todos eles exerceram papel fundamental em minha formação artística. Dois se destacaram por eu sentir especial admiração (levando em conta que na arte cada um tem sua própria leitura estética) por seus respectivos trabalhos e formas de ver o mundo. Foram eles Jarbas Juarez e Álvaro Apocalypse, dois professores amigos! Também tenho em Rebecca Dautremer, ilustradora francesa de livros infantojuvenis, uma referência poderosa. Outros de quem gosto e acompanho: Pamela Zagarenski, Mehrdad Zaeri, Dominique Mertens e Mélanie Fuentes, bem como uma infinidade de ótimos ilustradores brasileiros (não menciono nomes, pois seria injusta se faltasse algum na relação).

Para finalizar, fale como foi a experiência de ilustrar o livro "O Sítio da Vovó Gena".

Ilustrar pode ser uma experiência muito enriquecedora, especialmente quando se trata de uma história que vem do coração do autor. Nesses casos, o ilustrador caminha pelo delicado terreno dos sentimentos e lembranças de quem escreveu o texto, com a imensa e grata responsabilidade de representá-lo visualmente. Ser convidada pela querida escritora Jussara Liberal para transformar em imagens as suas memórias afetivas foi mais uma oportunidade de viver essa experiência. A autora me proporcionou uma bela viagem até seu singelo e lindo paraíso de infância, povoado de bichos, flores, plantas e mangueiras, que exalavam seu odor abundante pelos gramados e por todo lado. Lá vivia vovó Gena, uma mulher forte e sensível, cheia de sabedoria e com um coração sempre agradecido por aquela natureza rica concedida por Deus, pela família maravilhosa, pela casinha repleta de música e guloseimas, feitas em um mágico fogão de lenha, e pelas pessoas sempre reunidas para uma prosa gostosa. O trabalho fluiu com enorme satisfação, mesclando a emoção de Jussara com minha própria emotividade. Foi um mergulho profundo e gratificante, cheio de afeto e criatividade. ■

O SÍTIO da Vovó Gena

Liliane
Romanelli

www.mundoescrito.com.br

O texto, além de estar correto tecnicamente, deve levar a mensagem exata que o autor deseja compartilhar. Na revisão de livros, antecipamo-nos aos problemas textuais que seus leitores poderiam encontrar. Temos uma excelente equipe, pois, há dez anos, revisamos livros todos os dias.

REVISÃO DE LIVROS

O texto, além de estar correto tecnicamente, deve levar a mensagem exata que o autor deseja compartilhar. Na revisão de livros, antecipa-mo-nos aos problemas textuais que seus leitores poderiam encontrar. Temos uma excelente equipe, pois, há dez anos, revisamos livros todos os dias.

TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO

Transcrição de áudio feita 100% manualmente, sem utilização de softwares, pois somos profissionais. Para evitar retrabalhos e dor de cabeça, contrate a transcrição feita por uma equipe completa.

Conto

Utilizando seus conhecimentos de psicologia junguiana, Mogg Mester escreveu “A Alameda dos Algodões Flutuantes”, livro de contos no qual todas as histórias se passam na avenida que dá título à obra. Nesse lugar fora do comum, acontecimentos fantásticos sempre surgem em meio a uma chuva de flocos das mafumeiras, arrancando os personagens de suas zonas de conforto. Em “O Momento e a Ruptura”, o autor constrói uma história sensível e com final surpreendente e dramático

O Momento e a Ruptura

MOGG MESTER

JAMAIS VOU ESQUECER AQUELE DIA FATÍDICO em que – dizem – confundi um olhar com uma declaração de amor. Mas vamos por etapas...

Na vida de qualquer ser humano, ocorrem eventos que podem ser divididos em duas partes básicas: o *momento* e a *ruptura*. Todos os acontecimentos importantes seguem esta ordem.

De *momento* chamo o período entre o início do evento e a ruptura. Ou seja, é aquele espaço de tempo em que tudo parece ilusório, meio nebuloso, indefinido. Ele é marcado por uma tensão quase imperceptível, que se instala no ar e o deixa carregado, denso. Se prestarmos atenção, podemos percebê-lo e sentir a iminência de algum fato novo. A *ruptura* nada mais é que o desfecho do evento, algo como uma corda retesada se rompendo e varrendo tudo à frente. A *vida* é uma sequência (supostamente) infinita de *momentos* e *rupturas*, que vão se tornando sem importância conforme substituídos por novos.

Para exemplificar o que defendo, cito aquela mão de pôquer com a qual o jogador pressente uma vitória ou uma derrota e, assim, aposta sua banca de fichas inteira, mesmo antes de ver as três primeiras cartas no *flop*, ou recua diante da ameaça, preservando seu *stack*.

Mas não há no universo um instante melhor para representar essa vã teoria do que aquele no qual dois olhares se cruzam. *Olhar* é o verbo escroto que significa dirigir as vistas a algo, encarar, fitar os olhos em alguma coisa, ver, vigiar, contemplar, observar, notar, ponderar, atender... Bem, é também o *olhar* um substantivo usado pela Psicanálise como algo importante ao desenvolvimento do indivíduo. Quando se diz ser por ele, e através dele, que o indivíduo se constitui – por meio daquela história de espelho, do outro com *O* maiúsculo e de diversas maluquices misturadas a esquema corporal, crianças e pais incompetentes – entende-se por que essa é uma palavra muito capciosa.

Na época de menino, minha mãe me olhava pouco; meu pai, menos ainda. Quanto aos irmãos, não os tive. Na rua, as pessoas me olhavam com uma espécie de desdém; as meninas, com indiferença. Não era nem bonito, nem feio; nem forte, nem fraco. Em tudo era medíocre. Em tudo tanto fazia ser algo ou não. Quase um Simplício. Nada mudou quando cheguei à fase adulta. Até que me bati com *ela*... (voltando ao dia fatídico em que – dizem – confundi um olhar com uma declaração de amor).

Ao passar por uma rua de atmosfera carregada e aparentemente irreal, conhecida como Alameda dos Algodões Flutuantes, vi uma livraria. Na vitrine, a propaganda de um jovem que passara fome, mas que conseguira publicar um livro escrito nas páginas em branco de outros livros, me chamou a atenção. Entrei para saber mais sobre a obra. Um brasileiro com sotaque de português parou de conversar com sua funcionária para me atender. Paguei um valor justo pelo título, rejeitei a oferta de alguns pãezinhos de queijo e me retirei para o outro lado da rua, onde havia uma lanchonete.

Ocupei uma mesa na calçada e comecei a namorar o livro de capa abstrata. Um vento forte agitou suas folhas e as passou até cair na página 31, cuja primeira frase era: "As árvores começaram a chorar algodão." Como mágica, outra rajada fez flocos semelhantes a algodão flutuarem por toda a alameda. Passei a entender seu nome. Os flocos saíam dos frutos, cujas cascas tinham sido abertas, e se espalhavam, dançando por todos os lados, como se fossem neve de amendoim.

Tomei na mão um deles. Era muito sedoso e macio, tal qual lã de carneiro novo. Lembrava algodão hidrofóbico em sua cor, porém infinitamente mais agradável ao toque.

Enquanto eu acariciava aquela coisinha estranha, ergui a vista para ver como estava a rua. Nesse instante, o meu olhar cruzou com o da mais diferente mulher que já vislumbrei. *Momento* e *ruptura*. Ela não percebeu minha estupefação. Apenas aguardava uma brecha no trânsito para se aventurar na travessia da alameda.

Algo naquela moça me remexeu por dentro. Não sei dizer o que exatamente. Eu era um homem solteiro e bem-sucedido. Tinha um bom salário, um carro do ano e um apartamento digno de inveja. Mas tudo perdeu o sentido quando vi aquela mulher. De beleza mediana, cabelos compridos, olhar distante e imparcial; seu andar tinha uma graça difícil de ser encontrada nas mulheres de hoje. A postura ereta e descompromissada lhe conferia uma atratividade preternatural.

Ela passou por mim, entrou na lanchonete, pegou algo com a dona do estabelecimento e saiu. Permaneci onde estava, com o coração palpitante e o livro esquecido entre os dedos, como alguém que toma choque em um motor de carro e se senta para pensar, ainda lerdo: "Puxa, será que estou inteiro mesmo?"

Depois de reestabelecido, sem coragem para tocar no assunto com a moça da lanchonete – dona Clarinda, esposa do padeiro – paguei pela água mineral que havia bebido e fui embora. Entretanto, aquele retorno não foi o mesmo de todo santo dia. E minha casa – que antes

era um lugar de alento, descanso e paz – virou um templo de solidão. Ela se tornou maçante e morta depois que conheci a vida na Alameda dos Algodões Flutuantes.

Aquela mulher transformou tudo o que eu conquistara em ouro de tolo. Quanto deveria custar o seu olhar? Com certeza, valia a minha vida mesquinha. Decidi, então, caçá-lo. Iria sempre à alameda e me sentaria em frente à mesma lanchonete na esperança de encontrar a moça.

Diariamente eu parava ali e assistia à vida repleta de sentido das pessoas. Via tanto sentido, tanta significação em cada gesto, que era como se a alameda me falasse impiedosamente: "Saia daí, intruso!" Porém, eu insistia em espreitar a mulher atravessando a rua com sua tranquilidade contagiante. Ela tinha um jeito gracioso de andar: compassado, comedido, como se cada passo fosse contado. Passava por mim, cumprimentava dona Clarinda e seguia seu caminho, indiferente à minha presença. E eu ficava lá, com cara de lontra faminta que vê a comida correr rio abaixo.

Certo dia, dona Clarinda, uma fofoqueira nata, perguntou o que eu fazia ali. Fiquei imaginando uma série de desculpas mal formatadas enquanto ela lançava, com seu ar intuitivo, uma segunda pergunta.

– É por causa de Anália, seu Castilho? – questionou, exercitando a arte vulgar e indiscreta de fuçar a vida alheia.

Gaguejei algumas respostas confusas. Ela murmurou aquele "hum" incrédulo e desconfiado que os invasores de privacidade costumam soltar diante de uma resposta evasiva. A mulher permaneceu de pé ao meu lado, me incomodando com sua curiosidade. Já me preparava para mais chateação quando ela falou em um tom ao mesmo tempo complacente e austero:

– Você precisa fazer mais para conquistar aquela mulher, seu Castilho. Ela é cega... Não deve nem desconfiar que você fica todo dia aí parado só para vê-la passar...

É impressionante a capacidade que os fofoqueiros têm de estar além da mentira. Eles a percebem e a superam com tanta facilidade, com tanta propriedade, que entendê-las para mexericar até parece ser seu ofício. Prolíficas sementes para pesquisas psicológicas...

Foi um choque ouvir aquilo; não consegui esconder o tremor de meu corpo. Minhas intenções estavam assim tão óbvias? Sempre me gabei de ter uma expressão de jogador de pôquer, uma cara de paisagem, mas aquela mulher me desvendara de maneira tão assombrosa, que me perguntei se todos os fofoqueiros teriam a mesma

habilidade. Se sim, a humanidade estaria condenada e a privacidade – já ameaçada por celulares, zaps e redes sociais – extinta.

Outro motivo para meu susto foi o fato de Anália – sim, agora ela tinha um nome, uma identidade – ser cega. Como podiam dois olhos tecnicamente mortos me transmitirem o que havia de mais nobre naquela mulher? O instante no qual ela me "olhou" (ou em que houve um mero encontro das direções de nossos olhares) foi tudo para mim. Nos dias que se seguiram, tornar a ver aqueles olhos – francos, puros e vagos – motivou o meu viver. Tudo ilusão?

Em meu peito latejavam perguntas; até viajei em filosofias. Estaria a evolução da humanidade impregnada de más interpretações de gestos? Teria isso influenciado a forma como se desenvolveu nossa cultura? Seria a civilização uma piada feita de mal-entendidos? Seríamos seres que vivem alicerçados em hipocrisias, mentiras e ilusões? Bem, certo é que, dentro da história humana, estava a minha, com meus sonhos, talvez únicos, às vezes irreais...

Pálido e desiludido, levantei-me, paguei a conta à fofoqueira e saí. Sofri um grande esvaziamento, sentia-me como um saco de aniagem sem batatas. Fui para casa, tomei um vinho e dormi, na esperança de acordar do pesadelo no dia seguinte. Despertei disposto a conquistar Anália, cega ou não.

Na Alameda dos Algodões Flutuantes, por mais de duas semanas vi Anália passar por mim com sua placidez. Contudo, não consegui reunir coragem suficiente para interceptá-la. Havia uma película indistinguível mantendo-a em um plano diferente do meu. Fosse o que fosse, não éramos do mesmo mundo.

Um dia juntei toda a bravura de que dispunha; precisava romper aquela membrana que nos separava. Estava finalizando a leitura de "Mais um capítulo que terminei de ler" quando vi a moça dobrar a esquina no outro lado da rua e vir em minha direção. Caminhava resoluta, com passos rítmicos, planejados. Ela parou no lugar de sempre para atravessar a via. Ao perceber o momento propício, caminhou sobre a faixa de pedestres como se não sofresse limitações pela cegueira. Nesse instante, as árvores começaram a chorar algodão. Flocos e mais flocos saltavam pelo ar em quantidade; por um instante, toda a atmosfera pareceu repleta de doce de leite bem claro.

Olhei para Anália; ela parecia se divertir com o toque dos flocos. Sorria de forma exuberante, uma cena que qualquer fotógrafo desejaria registrar. O sorriso veio solene, tão súbito quanto o carro verde que levantou a moça a alguns metros do chão. O corpo

atropelado de Anália esborrachou-se amolecido no asfalto e permaneceu estático, como um boneco inflável meio vazio. A música de morte dos pneus ecoou pela rua. O veículo, quase derrapando sobre a tapeçaria que se formava na alameda, parou um pouco mais adiante.

Logo uma multidão de ridículos curiosos se juntou ao lado do motorista, que saltara do carro para socorrê-la. Com o coração disparado, corri até Anália, estirada de barriga para cima com o corpo trêmulo.

Confrangido – ouvindo por alto as desculpas do motorista, que perdera o controle do carro ao entrar na alameda – reuni a coragem antes escassa e me aproximei dela. Anália ainda respirava, e havia lucidez em seu rosto. Ela parecia olhar para o céu, onde os algodões flutuavam como nuvens. Ajoelhei-me ao seu lado e alisei sua cabeça úmida de sangue. Mirei-a demoradamente; e ela retribuiu o olhar. Era como se me visse de fato, como se minha imagem a confortasse naquele momento de confusão e dor. Sua boca sussurrou algo quase inaudível. Mas ainda assim pude compreender aquelas que foram suas últimas palavras, repletas de amor, significado e expectativas: "Você veio!" Enquanto Anália expirava, só o que consegui fazer foi abraçar sua cabeça molhada e aninhá-la em meu peito.

Ao chegarem, os paramédicos só tiveram o trabalho de cobri-la com o clássico lençol branco. Fiquei ali, guardando seu cadáver, até o levarem para o IML. Durante esse tempo, as pessoas me perguntavam o que ela dissera antes de morrer. E eu, catatônico, só respondia: "Você veio!" Indignados, os curiosos que circulavam ao meu redor como galinhas bêbadas saíam me chamando de mentiroso; Anália era cega e não teria como saber com quem falava, pois eu permaneci em silêncio enquanto estava ao lado dela.

Confuso: foi assim que fiquei por alguns dias. Não entendia como alguém que diziam não enxergar poderia ter me visto antes de morrer. Continuei a ir à lanchonete por algum tempo, na esperança de que o ocorrido tivesse sido só um pesadelo. Desejava acordar, destemido, e ir conhecê-la. Mas tudo o que via era a marca de sangue e pneus na pista; e a fofoqueira.

A mulher veio a mim e se sentou ao meu lado. Com os olhos turvados por duas lágrimas, ela pegou a minha mão.

– Acredito em você, seu Castilho – disse, apertando-me com os dedos grossos. – Anália sofria de uma doença estranha. Não via nada a maior parte do tempo. Contudo, às vezes, a visão lhe vinha como recortes, como fragmentos de filme. Por algum tempo, ela via.

Atônito pelo que ouvira, senti-me animado a perguntar:

– Quando isso mais acontecia?

Ela explicou que era esporádico, muito ocasional. Mas sempre, ou quase sempre, ocorria quando as árvores choravam algodão. Bastava ela sentir o roçar de um floco em sua pele para a visão florescer, retratando quadros de um mundo fantástico.

– Ela amava ver o choro branco das árvores... – disse a dona da lanchonete.

Dona Clarinda falou por mais algum tempo. Eu já não prestava atenção; concentrava-me no espetáculo ao meu redor. Saber que Anália havia me visto retirara o manto de espinhos que me envolvera após tomar conhecimento de sua cegueira. Seu olhar valera o que eu tinha suposto.

Por fim, paguei a conta e me despedi. Saí caminhando pela alameda enquanto as árvores despejavam sobre mim suas lágrimas secas e felpudas e mudavam a vida de mais alguém, como fizeram com a minha. Andei por ela com a certeza de que jamais voltaria ali. O que havia de fazer entre os flocos flutuantes, fizera. Tinha agora que dar lugar aos próximos, assim como Anália tinha feito. Os fatos precisam de espaço para acontecer.

O meu momento já havia passado; a ruptura, acontecido.

■ ■ ■

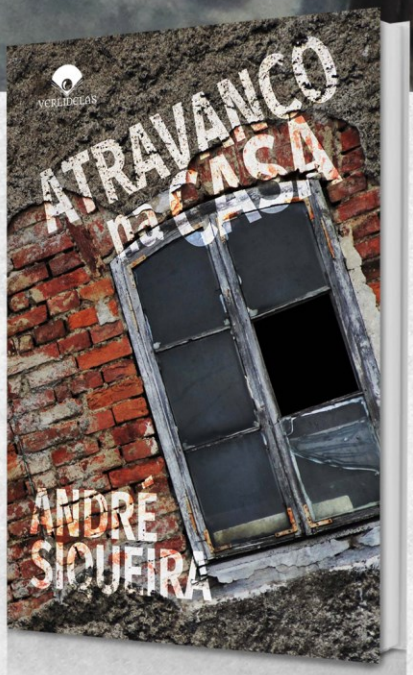
MOGG MESTER

Médico veterinário formado pela UFBA, servidor público, psicólogo, pós-graduando no curso de Psicossomática Junguiana do IJBA e escritor, retrata em suas histórias os horrores e as taras sombrias dos humanos. Participa do projeto "Guerreiros Folclóricos" como romancista, é editor e produtor de conteúdos do Clube de Autores de Fantasia, publicou o primeiro volume da trilogia "A Auriflama do Caos" pela Pimenta Malagueta, integrou o projeto "Escritores Perguntam, Escritores Respondem", da Cogito, tem um conto na antologia "Panorama da Literatura Brasileira", de 2015, e participou com dois textos na "Revista Beco das Palavras". Nas horas vagas, como joalheiro, gosta de esculpir anéis. Mas quando são mesmo as horas vagas?

poesia

Quarentena

Os objetos conhecem
os quartos, partes,
cômodos,
extensões de remansos
que abrigam toda a gente
íntima do silêncio
isolado na espera
de cada ser fechado.
Testemunhas ocultas,
mesmo que emudecidas,
hospedeiros de gente
no vírus desse mundo.
Sem luva sinto, pálido:
os objetos na casa
prosseguem retesados
e infectados de gente.



Nascido em Jacareí, interior de São Paulo, escreve desde os 15 anos, tendo poemas publicados nas revistas Ruído Manifesto, Acrobata, Mallarmargens, Arara, Gueto, entre outras. Também é colaborador da Pixé, revista de literatura e arte de Mato Grosso. Em 2014, entrou para a faculdade de Letras da Universidade Paulista. Afastou-se do curso no quarto semestre, retomando-o anos depois. Já trabalhou como atendente de telemarketing, professor de Português, estagiário de Pedagogia em uma creche e vendedor, mas nunca deixou de ser poeta. Em 2020, publicou seu primeiro livro, “As Manhãs Fechadas”, pela editora Gataria.

Nas ondas do rádio

Todo sábado um novo tema

ATMOSFERA LITERÁRIA com Fabio Shiva

Atmosfera Literária com Fabio Shiva" é um quadro do programa ATMOSFERA 102, apresentado todo sábado por Fernando Bamboo na Rádio 102.7 FM, de 12h às 14h

Confira online

Apoio: Verlidelas Editora